

OS PARADOXOS EM *SOLOMBRA*

Delvanir LOPES (Unesp-Assis)¹

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Domingues de Oliveira. Bolsista FAPESP

RESUMO: Última obra publicada em vida por Cecília Meireles, em 1963, *Solombra* deixa transparecer, desde o título, a possibilidade de ambigüidade. O termo arcaico que se refere à sombra sugere, contudo, outras leituras, o que tem levado a dissonâncias dos críticos. A partir daí, nos poemas, os paradoxos se multiplicam. O objetivo a que nos propomos nesse trabalho é mostrar que o paradoxismo de *Solombra* amplia-se em outras discussões que a obra contempla, entre elas: a morte, a angústia e a dor da existência. Amparamo-nos em algumas ideias da filosofia existencialista que desenvolvem a discussão e nos auxiliam na compreensão do paradoxo.

PALAVRAS-CHAVE: *Solombra*, paradoxo, poesia, existencialismo

RESUMEN: Última obra publicada en vida por Cecília Meireles, en 1963, *Solombra* deja transparecer, desde el título, la posibilidad de ambigüedad. El término arcaico que se refiere a la sombra sugiere lecturas adicionales, lo que ha llevado a disonancias de los críticos. Desde entonces, en los poemas, las paradojas se multiplican. El objetivo a que nos proponemos en ese trabajo es mostrar que el oxímoron de *Solombra* se expande en otras discusiones que la obra contempla, entre ellas: la muerte, la angustia y el dolor de la existencia. Nos apoyamos en algunas ideas de la filosofía existencialista que desarrollan la discusión y nos ayudan en la comprensión de la paradoja.

PALABRAS-CLAVE: *Solombra*, la paradoja, la poesía, el existencialismo

1. Introdução

A obra *Solombra*, de 1963, última obra editada por Cecília Meireles em vida, é misteriosa e clara, dual ao mesmo tempo. Enquanto é ela própria instrumento de revelação e parece que nos deixa diante do conhecido, ao mesmo tempo se mostra enigmática e nos obscurece o pensamento.

A autora nos advertiu que encontrou o termo *solombra* ao acaso e que se tratava de um antigo nome de sombra. Mas o termo escolhido por ela levou, nos poucos estudos que há sobre a obra, a dissonâncias, pois carrega em si a ambigüidade e amplia a discussão sobre o jogo paradoxal de *Solombra*: sombra e claridade. Vejamos o que diz Carlos Drummond a respeito desse livro:

¹ delvanirlopes@professor.sp.gov.br

SOLOMBRA – Sombra. Sombra só? Sol e Sombra? Sol em sombra? Em torno dela multiplicam-se as conotações que se gravam em nós, em som, forma, côm e sugestão e também em signos que temos de decifrar continuamente pois são símbolos de interrogações, especulações transcendentais. (ANDRADE, apud MENDES, 1968, não paginado)

A sombra e a luminosidade que o jogo de palavras cecilianas propõe levam à análise do interior humano, que também é ambíguo e desconhecido. E entrar em si é arriscar-se no ignorado, em que lampejos de luz surgem repentinamente e logo em seguida desaparecem, engolidos pelas sombras. Isso remete aos limites que cercam o ser humano o tempo todo. O limite da sombra é a luz e o contrário também é verdadeiro, o que pode ser ampliado na afirmação de que esses dois momentos estão intimamente unidos, sempre incompletos e coexistindo latentes um dentro do outro.

A obra permite essa compreensão paradoxal, comporta a dualidade: “O mistério todo está nisto. Este momento da emoção em que há clareza, mas tudo envolto na penumbra da noite – a vida se recolhendo, se revisando.” (AYALA, 1964, não paginado) Sendo assim, a partir do título da obra podemos conjecturar que não se tratará de um livro voltado apenas à melancolia, à solidão, à sombra e à morte. No nosso entender, Cecília Meireles não se volta a esses temas em suas obras de uma forma finalista e enfadonha, mas utiliza-se de tais recursos para demonstrar a possibilidade do devir, da transformação.

Demonstrar de que forma se dá o movimento, nos poemas, das sombras para a luz é um dos intuitos desse artigo. O trabalho da poetisa é com a palavra, que é o símbolo que permite a comunicação entre os mundos real e transcendente – ou o seu mundo e o mundo transcendente. O poeta torna-se o “entre”, portanto. Na perspectiva simbolista, tão evidente em Cecília Meireles, isso lhe faculta a capacidade de entender o enigma das “correspondências”, e tornar-se, como sugeria Baudelaire, um decifrador:

A linguagem cifrada não é direta, mas não está separada da realidade empírica, por isso num poema tudo pode ser visto como linguagem cifrada, tudo é linguagem da transcendência, mas para que se torne cifra depende de uma existência que a interprete, atualizando-a em sua liberdade, que é o caso do poeta. (LOPES, 2004, p. 129)

Se o poeta, enquanto existente, é o que decifra a linguagem transcendente e a torna cifra, nós podemos participar dessa relação entre o poeta e o Tu, buscando o desvelamento dessas cifras. Nesse sentido a poesia de Cecília torna-se paradoxal: é enigmática para clarificar. Clarificação que se dá aos poucos, digerindo aos poucos as imagens que a poesia forma, não numa interpretação imediata de suas palavras.

Isso posto *Solombra* passa a ser um grande símbolo que o poeta-vate usa para indicar o caminho à ideia, ao pensamento. E como sabemos o símbolo sugere, mas não descreve. Assim, ainda que *solombra* faça referência direta à sombra, ela quer dizer muito mais. A pista ceciliana colocada no título do livro pode dar indicações ao leitor, mas não revela o enigma. Basta atentarmos para a epígrafe da obra de Cecília Meireles, em que o eu-lírico está entre duas vozes, a do Céu e a da Terra:

Levantei os olhos pra ver quem
falara. Mas apenas ouvi as vozes
combaterem. E vi que era no Céu
e na Terra. E disseram-me: Solombra. (MEIRELES, 2001, p. 1262)

São vozes que combatem, uma no céu e outra na terra, sendo o céu considerado, na simbologia, como princípio masculino e relacionado à claridade, e terra o princípio feminino, passivo e escuro. Em *Solombra* não há, portanto, uma única voz que fala e ambas dizem juntas solombra. Neste sentido podemos considerar como, ao menos provável, a hipótese de que a obra ceciliana não é só Terra, só penumbra, mas carrega um outro viés, do Céu, da luz.

O estudo analítico que faremos de alguns versos de *Solombra* será amparado em alguns momentos pela filosofia da existência na figura de Martin Heidegger (1889-1976), filósofo alemão contemporâneo da escritora. Cecília, de certa maneira, autoriza a aproximação entre a filosofia existencial e o fazer poético por apresentar uma temática voltada à existência humana, ao homem preso à evanescência do tempo, ao ser angustiado diante da morte e às interrogações sobre os porquês do existir. Em *Solombra*, obra escolhida para análise, também encontramos tais temas.

2. Sol e sombra

Solombra deixa transparecer que se volta para os dois lados de uma mesma moeda:

ora reveste-se de uma aura de negrume, de escuridão, de ausência; em outros momentos, ainda que mais timidamente, revela um lado mais claro, luminoso e desvelador.

Contudo, a aura de sombra prevalece em *Solombra* e em raros momentos a luminosidade dá algum lampejo. É natural que os estudiosos se detenham nessa caracterização e que busquem em *Solombra* traços que traduzam a obscuridade, a negatividade, afinal é o que a palavra-título indica. Isso se dá também pela recorrência de tais motivos na poética ceciliana, que são:

a brevidade da existência, o sofrimento das condições de vida do plano terrestre, a impossibilidade de comunicação com as pessoas, o sentimento de incapacidade de mudar as circunstâncias existenciais, a necessidade de aceitação dessas condições, por serem etapas a percorrer no processo evolutivo espiritual. (MELLO, 2002, p. 191)

A partir desses conceitos-chave, sobre os quais os estudiosos se debruçam, multiplicam-se constatações sobre *Solombra*, como, por exemplo, aquelas que analisam a obra ligando-a somente ao sentimento do que se perdeu e ao sofrimento que isso gera:

Um poeta português disse que escrevia à beira mágoa; a poesia de *Solombra* vem de dentro dela como enunciação feita do ponto de vista da distância e da ausência do que se perdeu. É a experiência da ruína e do sofrimento da perda que a caracteriza. (HANSEN, 2005, p. 7)

Porém, há também algumas percepções dissonantes, como a de Boberg que capta alguma luz na obra ceciliana: “Por outro lado [...] encontramos associações que exploram a magia da luminosidade e todas as suas analogias, criando contrastes líricos [...]. (BOBERG, 1989, p. 212)

A respeito do símbolo proposto por Cecília, a dualidade permanece. *Solombra* é só sombra ou é sol, como já questionou Drummond? Ou são as duas instâncias paradoxalmente convivendo? Como já vimos na epígrafe da obra, as ideias de luz e sombra aparecem unidas em *Solombra*, assinalando para uma leitura que não se prenda somente à escuridão, mas que contemple as duas instâncias:

Ó luz da noite, descobrindo a cor submersa
pelos caminhos onde o espaço é humano e obscuro,
e a vida um sonho de futuros nascimentos. (MEIRELES, 2001, p. 1273)

Sobre um passo de luz, outro passo de sombra. (MEIRELELES, 2001, p. 1277)

As instâncias sol e sombra estão sempre no limiar, no umbral. São inseparáveis, já que uma só tem significação a partir da existência da outra. O limite indica a possibilidade de transição e de transcendência, ou seja, o que, aparentemente, separa, é o que pode unir. Perceberemos que a fronteira tão tênue de luz e escuridão é um dado positivo em *Solombra*.

3. Alguns paradoxos em *Solombra*

O paradoxo apresenta uma aparente falta de nexos, uma contradição entre duas ideias, quando referentes à opinião comum. No sentido existencial, segundo Kierkegaard (1813-1855), o paradoxo é um argumento que, por ser inusitado, reflete o absurdo em que está imersa a existência humana. O paradoxo é interessante porque propõe algo que, aparentemente, não pode ser tal como se diz que é. Por exemplo: como pode sol e sombra estar convivendo numa mesma palavra? Vejamos alguns outros momentos em que os paradoxos estão presentes em *Solombra* e o modo como eles refletem nas demais concepções da obra. O primeiro poema assim se inicia:

Vens sobre noites sempre. E onde vives? Que flama
pousa enigmas do olhar como, entre céus antigos,
um outro Sol descendo horizontes marinhos? (MEIRELES, 2001, p. 1263)

Nessa estrofe percebemos que o eu-lírico está em diálogo com o Tu, diálogo esse que permeia toda a obra. Questiona-o duas vezes. Na primeira procura situá-lo para que não precise esperar sempre pela sua manifestação na noite, mas também possa saber onde encontrá-lo caso queira. Essa ideia se repete em outro poema do livro, onde lemos: “Dizei-me onde é que estais, em que frágil crepúsculo!” (MEIRELES, 2001, p. 1279) Já a segunda pergunta é mais abstrata e bastante simbólica. Nela, o Tu é comparado a “outro Sol”. O paradoxo dessa questão está em o sujeito-lírico afirmar que o Tu traz a *flama* que *pousa enigmas do olhar*. Ou seja, aparentemente contraditório, o Tu que deveria clarear utiliza-se da luz para trazer ainda mais enigmas ao eu-lírico, quando o mais óbvio seria que viesse para terminar com as dúvidas, iluminar a sua existência. Desse modo, o que é aparentemente evidente acaba por tornar-se ainda mais obscuro.

Tal dualidade é qualidade do Tu que surge em momentos de extrema escuridão e a luz que porta aumenta as dúvidas do sujeito-lírico. Em outros versos de *Solombra* o mesmo paradoxo aparece e, por isso o consideramos uma figura-chave na obra que, revelando e escondendo, num movimento contínuo. Tais versos parecem ofuscar a verdade das coisas e contrariar o pensamento humano, desafiando a inteligência. O caminho que leva à descoberta da verdade é paradoxal, porque parece ser ilógico.

O *Sol descendo horizontes marinhos* remete-nos ao crepúsculo que é, segundo *Houaiss*, a “claridade no céu entre a noite e o nascer do sol ou entre seu ocaso e a noite, devido à dispersão da luz solar na atmosfera e em suas impurezas”. (HOUAISS, 2001, p. 569) O Ser está neste limiar da luz do dia e da escuridão da noite. É um misto de luz e sombra, é o lusco-fusco. É onde a mudança acontece, seja para adentrar na noite ou para sair dela: “No entardecer, o dia se põe num poente que não é nenhum fim, mas somente a inclinação para preparar aquele declínio pelo qual o estrangeiro adentra o *começo* de sua travessia.” (HEIDEGGER, 2003, p. 419)

Os paradoxos vão se multiplicando justamente porque as palavras-símbolo escolhidas comportam a dualidade: o Tu que vem sobre “noites” – e noite é símbolo de ignorância e insegurança, mas também o momento em que as revelações podem acontecer; a flama que pousa enigmas – onde os sentidos dos símbolos são invertidos; o sol que desce horizontes marinhos – e que, nesse movimento, provoca, não a morte, mas o renascimento dos dias.

Analisemos outros versos de *Solombra* em que os paradoxos também são evidentes:

Há mil rostos na terra; e agora não consigo
Recordar um sequer. Onde estás? Inventei-te?
Só vejo o que não vejo e que não sei se existe.
[...]

Qualquer palavra que te diga é sem sentido.
Eu estou sonhando, eu nada escuto, eu nada alcanço.
Quem me vê não me vê, que estou fora do mundo. (MEIRELES, 2001, p.1264)

O poema como um todo se refere ao eu-lírico que, aparentemente, está desanimado com o diálogo com o Tu porque este parece não se efetivar. No poema um, que lemos anteriormente, o Tu vinha *sobre noites*. Neste poema, o sujeito-lírico duvida de sua

existência quando diz: *Onde estás? inventei-te? Só vejo o que não vejo e que não sei se existe*. Assim, ao mesmo tempo em que desconfia da existência do Tu, não quer acreditar que ele seja invenção de sua mente. Os *mil rostos na terra* não dão indicativo de como seja o Tu ou, paradoxalmente, podem ser caminhos para a relação com ele. Não esqueçamos que o rosto mostra e esconde ao mesmo tempo. O modo de manifestação do Tu não é comum e a relação que trava com o sujeito-lírico é de confiança, afinal o que não vê pode experimentar e isso lhe basta; entrega-se a ele sem o ver. Tais palavras indicam a relação mística que há entre o Tu-eu-lírico, uma relação de fé. Não é preciso ver para crer, o que nos remete a passagem bíblica paradoxal: “Felizes os que não viram e creram!” (BIBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2039) O Tu está presente em tudo, pessoas e coisas, que só o mostram para quem o puder ver, quando se desprende da relação utilizável com as coisas. Heidegger chamará a isso de “vida inautêntica”, o fato de nos deixarmos absorver em nossa relação com os objetos, por conta disso, não enxergarmos mais nada.

No segundo terceto do mesmo poema o eu-lírico continua se dirigindo ao Tu, mas amplia esse diálogo ao outro que está no mundo como ele dizendo: *Quem me vê não me vê, que estou fora do mundo*. Assim, o mesmo paradoxo que se apresentava diante do Tu, quando o eu-lírico dizia “ver o que não via” mostra um paralelo nesse terceto em que o outro que “vê o eu-lírico não o vê”. Os motivos são bastante parecidos. Nesse caso, estamos pensando no mundo real, em que, caso viva-se na inautenticidade, *Qualquer palavra que [se] diga é sem sentido* ou como um sonho que retira o eu-lírico da realidade.

Ele compreende que se quiser dialogar com o Tu não pode pertencer ou viver nesse mundo como todos vivem, sendo escravo das coisas. É preciso estar no mundo, mas não ser do mundo, nos dirá Heidegger, e só assim é que é possível encontrar-se com o Tu – *estou fora do mundo*.

Assim, ao ver o eu-lírico o que se vê é a sua “casca” e não o que se passa em sua mente, os seus pensamentos e anseios, entre eles o desejo de relacionar-se com o Tu. Essas atitudes tornam o eu-lírico preparado para o diálogo: apenas utilizar-se das coisas caso estas sirvam para elevá-lo até o Tu. Desse modo é que ver o sujeito-lírico é o mesmo que não vê-lo por completo.

Podemos entender também que algumas expressões de *Solombra* são oximoros, uma antiga figura poética em que se combinam palavras ou expressões que, além de

contrastantes são contraditórias; assemelhando-se ao paradoxo. Tais expressões que parecem excluírem-se mutuamente, no contexto reforçam a expressão. Citemos alguns encontrados em *Solombra*: “Ó luz da noite... (MEIRELES, 2001, p. 1273) e “é que morremos – e num lúcido segredo” (MEIRELES, 2001, p, 1281), em que Cecília Meireles revela-se extremamente engenhosa com as palavras, aliando o que podemos achar, comumente, contraditório. Na verdade, em poucas palavras ela encerra um profundo sentido ao seu livro *Solombra*, alimentando as indagações. Ou seja, esconde e clareia ao mesmo tempo.

Margarida Maia GOUVEIA diz que é frequente encontrar em Cecília “uma estrutura antitética, em certos casos da natureza do oximoro, que se sente procurar expressar o que de exprimível é possível numa relação com o transcendente” (GOUVEIA, 2002, p. 143). No oximoro, que é utilizado na poesia mística como um jogo de conceitos que favorece a contemplação, os contrários coincidem. Assim é que em *Solombra* os oximoros fazem sentido e reforçam a figura do paradoxo, presentes em muitos momentos da obra.

4. Conclusões

Em Cecília Meireles, de modo especial *Solombra*, o que entendemos como limitado ganha dimensão de ilimitado, o aparentemente contraditório e ilógico mostra seu lado de verdade e coerência. Acreditamos que os jogos paradoxais conferem movimento aos poemas, instigam ainda mais o leitor que já havia ficado intrigado com o título perfeitamente eleito pela poetisa. As estruturas antitéticas por ela propostas conseguem expressar de modo condensado o que não é de fácil expressão: a relação com o transcendente e com o mundo. Nesse sentido é que, a partir dos paradoxos, podemos encontrar na leitura de Cecília Meireles um ponto de vista que não se prende somente à dor, solidão e angústia, justamente pelo fato de que tais elementos, quando aparecem, são trampolins para momentos de esperança, renovação e transcendência.

Referências bibliográficas

A Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

AYALA, W. Solombra: um livro de Magia. In: **Leitura**. Janeiro 1964. (Resenha de Livros)

BOBERG, H. T. R. **O canto e a lida - percurso esotérico e místico da poesia de Fernando Pessoa e Cecília Meireles**. 1989. Dissertação (Mestrado), UNESP/FCLAssis, 1989.

GOUVEIA, M. M. **Cecília Meireles: Uma poética do eterno instante**. Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.

HANSEN, J. A. **Solombra ou a sombra que caiu sobre o eu**. São Paulo: Hedra, 2005.

HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis (RJ): Editora Vozes/ Editora Universitária São Francisco, 2003.

HOUAISS, Antônio et al. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOPES, D. **A poética de Cecília Meireles e a relação com a Filosofia da Existência – ou da angústia e transcendência em Metal Rosicler**. 2004, Dissertação (Mestrado) – UNESP/ FCL-Araraquara, 2004.

MEIRELES, C. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MELLO, A. M. L. Viagem aos confins da noite: *Solombra*. In: **Poesia e Imaginário**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MENDES, C. A Metáfora e Cecília Meireles (Estudo Crítico de Solombra). In: **Jornal de Letras**, RJ, Faculdade de Direito de Petrópolis, 8/1968 (não paginado).